

Bibliografia

- COHN, N., *Na senda do Milênio - milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média*, Lisboa, Editorial Presença, 1981
- DESROCHE, H., *Sociologia da Esperança*, São Paulo, Edições Paulinas, 1985
- EUSEBIUS, *The History of the Church*, Suffolk, Penguin Books, 1986
- NOGUEIRA, A., *Antonio Conselheiro e Canudos*, São Paulo, Editora nacional, 1978

QUEIROZ, MARIA ISAURA, P., *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1965

Endereço para correspondência com o autor:
Casa da Reconciliação
Rua Afonso de Freitas, 704 - Paraíso
04006-052 - São Paulo - SP
(aos cuidados do Pe. José Bizon)

O MESSIANISMO: ESTUDO E INTERPRETAÇÃO SOCIOLÓGICA DE UM CASO - UMA COMUNIDADE PROTESTANTE NO CATULÉ

Prof. Leonildo Silveira Campos

Este estudo tem por objetivo analisar o messianismo do ponto de vista da sociologia, privilegiando nessa abordagem um surto messiânico-milenarista ocorrido entre protestantes, em 1955, num sítio chamado "Catulé", no município de Malacacheta, próximo a Teófilo Otoni, Estado de Minas Gerais. Através deste procedimento pretendemos lançar luz sobre as relações entre o fenômeno religioso e a sociedade que tornaram possível o surgimento daqueles movimentos aqui genericamente chamados "messiânicos".

Maria Isaura Pereira de Queiroz fez uma apanhado geral dos movimentos messiânicos brasileiros. Abordou com detalhes o fenômeno acontecido entre alemães de origem luterana, no século XIX, na região de S. Leopoldo, Rio Grande do Sul, que passou para a história com o nome de "Mucker". Todavia, neste seu texto, hoje clássico da sociologia brasileira, nenhuma linha foi dedicada às "aparições do demônio no Catulé", apesar da excessiva divulgação recebida pela imprensa sensacionalista em 1955, de sua recriação pelo teatro, na

peça "Veredas de Salvação" e depois num filme homônimo. O acontecido no Catulé foi analisado academicamente em poucas oportunidades. Na primeira delas por um grupo de intelectuais paulistas que publicou em 1957 o resultado de sua pesquisa em "Estudos de Sociologia e História". A segunda vez que a academia procurou analisar aqueles eventos foi em 1993. Nesse ano, o professor Renato da Silva Queiroz defendeu tese de livre-docência, na Universidade de S. Paulo, sob o título "A Caminho do Paraíso - Estudo Antropológico sobre o surto messiânico - milenarista do Catulé".

Trata-se, portanto, de um assunto relativamente desconhecido, tanto na área acadêmica como também no meio teológico e religioso brasileiro. Daí o motivo pelo qual o escolhemos para objeto de nossa reflexão sobre as relações entre o messianismo e as condições concretas de uma determinada sociedade. Queremos com isto nos inscrever dentro daquela tradição de se apresentar a religião como uma manifestação de seres humanos concretos, que ao com-

partilharem a religião, ao mesmo tempo compartilham de “uma vida coletiva (econômica, afetiva, familiar, lingüística, política, militar, cultural etc.) com múltiplas dimensões imbricadas, ligadas, relacionadas entre si”.

É justamente essa imbricação que não permite falar do “messianismo” no vazio. Pois, do ponto de vista sociológico, messianismo é um movimento que pretende não só recusar aspectos parciais ou totais de uma determinada sociedade, como também reorganizá-la a partir de uma “espera efervescente” de que um herói cultural, um enviado divino, voltará ou se manifestará, invertendo a situação presente, inaugurando uma nova fase de justiça e felicidade para os escolhidos, afastando as causas do desconforto, sofrimento e aflições que desgraçam a vida atual de um determinado grupo social. O conceito de “messianismo” está sociologicamente ligado ao de milenarismo, termo usado para “caracterizar movimentos religiosos que esperam a salvação iminente, total, última, coletiva e neste mundo”. É claro que não se pode reduzir o milenarismo somente à esfera do religioso e do messiânico. Há um milenarismo político e cultural que também se manifesta sempre que uma ordem socio-cul-

tural está rompida e quando uma ideologia não mais permite a motivação das pessoas para a consecução das metas tradicionalmente estabelecidas. Quando esse vazio de esperança ocorre, surge da capacidade criadora de um grupo social a crença inabalável de que uma nova era surgirá para substituir o sofrimento do momento presente. O messias é, nesse caso, o condutor de uma esperança mais vasta e ampla que é a concretização do milênio.

1. AS CONDIÇÕES SOCIAIS PARA O APARECIMENTO DO MESSIANISMO

Embora o messianismo seja um fenômeno social e religioso no sentido mais amplo, podemos começar a discuti-lo a partir da análise feita por Durkheim das origens do fenômeno religioso em si. Isto porque, o messianismo se faz presente nas sociedades naqueles momentos de desintegração de uma ordem, de predomínio de um estado de incerteza que se expressa na anomia. A sociedade então busca mobilizar as suas forças para restabelecer a ordem perdida, superando a situação de incerteza. Durkheim dizia que um dia as sociedades voltariam a conhecer novamente “horas de efervescência criadora, durante as quais novos ideais surgirão, novas fór-

mulas aparecerão e, por certo tempo, servirão de guia para a humanidade”.

Porém, para tomar corpo, o messianismo precisa de algumas pré-condições sócio-políticas e econômicas. A dominação colonial, conflitos sociais, políticos e econômicos, o esvaziamento de um universo simbólico que servia de ponto de referência para as pessoas organizarem seus respectivos comportamentos, essas e outras formas de desintegração dos quadros objetivos de vida, formam o pano de fundo para o aparecimento de um sentimento de desconforto num grupo social. Nesse momento, não se trata apenas de uma volta pura, simples e nostálgica ao passado. O messianismo inaugura uma dinâmica histórica voltada para o futuro e com isso direciona o comportamento das pessoas para novos objetivos, proporcionando, dessa forma, um espaço social para novas alianças e novos motivos para a coesão social.

O messianismo e o milenarismo surgem, portanto, num quadro social marcado por perturbações e ameaças concretas que afetam os grupos sociais, trazendo junto com o messias — o líder que vai encarnar a esperança de dias melhores, reinstaurar os tempos perfeitos — a volta da felicidade perdida. Do ponto de vista antropológico e de uma

tradição analítica que vem desde Ralph Linton, o messianismo é um movimento de mudança cultural, voltado para a revitalização de uma cultura ou para a busca de uma nova cultura que seja mais satisfatória ao grupo.

Vittorio Lanternari, em suas obras, tem procurado mostrar alguns dos fatores que ao seu ver são determinantes para o aparecimento de movimentos sócio-religiosos de caráter profético ou milenarista-messiânicos. Entre outros, ele cita o choque das tradições nativas com a recém chegada cultura e dominação européia, a frustração econômica e social, a dominação política, o processo de migração, a desculturação forçada, a segregação racial, o conseqüente desvio cultural, enfim, as tensões e mal-estar decorrentes da desorganização sócio-cultural. As culturas nativas tendem, por isso mesmo, a reagirem por meio de “movimentos proféticos sob o impulso das exigências existenciais concretas e urgentes dos povos oprimidos... em crise visam, pois, o futuro e a regeneração do mundo”. Contudo, Lanternari, assim como Hobsbawm qualificam tais movimentos de agitação e efervescência social como meramente “pré-políticos”, pois ainda são carentes de uma consciência revolucionária. Isto tudo como se houvesse necessariamente um nexo de continuidade entre messianismo e revolução política.

A abordagem histórica dos movimentos messiânicos nos faz ver a ligação entre o surgimento da esperança e as condições concretas então vividas por determinadas populações. Porém, não podemos analisá-los apenas como movimentos pertencentes ao passado. A nossa sociedade continua e continuará sendo um ventre fértil de messias. O desequilíbrio, o desconforto e os conflitos fazem parte da condição humana de vida. Periodicamente as utopias, os sonhos e esperanças brotarão, apontando para o colapso das formas tradicionais de se organizar a vida e ao mesmo tempo para novas metas e objetivos extra ou supra-históricos. É por esse motivo que testemunhas históricas de episódios trágicos de messianismo e milenarismos contemporâneos não se assustam diante de casos como do "Templo do Povo" (Jim Jones, Guiana, 1979), "Ramo Daviniano" (Waco, Texas, David Koresh, 1993) e outros. Diante deles não podemos esfregar os olhos dizendo: "Não posso crer no que estou vendo!". O messianismo, como fenômeno movido por forças místicas, irracionais e utópicas não pode ser relegado a um passado possivelmente "pré-político", ou encarado simplesmente como herança de um mundo rural, amplamente superado pela atual fase de nossa história.

Num certo sentido, o paradigma da secularização e uma herança neopositiva foram responsáveis pela tentativa de exorcizar do presente a força dos messianismos e dos milenarismos. É preciso nos conscientizarmos que uma adequada compreensão de nosso tempo e de suas contradições históricas, sociais e religiosas não pode ser atingida através da transformação do messianismo em apenas uma pequena nota de rodapé nos livros de história. Somos convidados, através da análise deste tema, a examinarmos as entranhas da sociedade tecnológica e a percebemos que dentro dela brota um rumor, um "rumor de anjos" disse Peter Berger, um alarido de messias, acrescentaria eu, anunciando o final de um milênio e o surgimento de uma nova era. Todos eles procuram catalisar as esperanças frustradas, propondo a pessoas destituídas de sentido para a vida, outros objetivos. O estudo dos sonhos, das vigílias acordadas, do imaginário político, da sociologia da esperança nos abre um fértil caminho para uma compreensão sociológica da vida moderna. Através destas pistas estaremos em condições de melhor situar sociologicamente a força do messianismo e o impacto forte dos movimentos milenaristas.

2- A FORÇA DO MESSIANISMO E A EFÊMERA CONSTITUIÇÃO DE UMA COMUNIDADE MILENARISTA NO CATULÉ, ZONA RURAL DE MALACACHETA, 1955

Finalmente retomamos o caso proposto para nossa análise. A divulgação do acontecido se deu através de matérias publicadas em vários jornais brasileiros, a partir do dia 13/4/1955. Nesse dia, a Folha da Manhã deu em manchete: "Grupo de fanáticos religiosos praticou uma série de violências em Malacacheta...". No dia seguinte, "Bárbaro trucidamento de crianças por fanáticos de seita seita...". Notícias mais detalhadas diziam que "Cerca de 200 fanáticos da seita Adventista da Promessa, guiada pelos irmãos Onofre e Joaquim, sacrificaram quatro crianças... os soldados foram recebidos a bala pelos fanáticos que usavam revólveres e carabinas ... (sic!) ... a polícia reagiu matando a tiro dois fanáticos...". O jornal O Estado de São

Paulo (17/4/55) publicou informações creditadas ao Vigário de Malacacheta de que os "fanáticos projetavam incendiar a igreja da cidade, o que esperavam realizar tão logo atingissem quinhentos companheiros...". O texto do telegrama, atribuído ao padre católico local, dizia: "Protestantes, deste município, sob pretextos religiosos, massacraram crianças, filhos dos mesmos. Cremaram uma, restando apenas a cabeça, e destinavam outras à cremação. Policiais reagindo prudentemente, salvaram a vida de outras crianças, não havendo interferência de católicos no caso. Em nosso hospital, diversos adeptos estão sob cuidados médicos porque foram cruelmente espancados ou apunhalados pelos tenebrosos filhos de Lutero".

Endereço para correspondência com o autor:

Casa da Reconciliação

Rua Afonso de Freitas, 704 - Paraíso

04006-052 - São Paulo - SP

(aos cuidados do Pe. José Bizon)